

Amor, Conjugalidade e Diversidade: um ensaio

Amor, Conyugalidad y Diversidad: un ensayo

Love, Conjugality and Diversity: an essay

Maria Angela D’Incao

Resumo: este ensaio é uma reflexão acerca do amor à luz do que se entende por diversidade e conjugalidade, no Brasil. Para isso, privilegiaram-se questões abrangendo a problemática da família, especificamente sobre as relações entre as formas dos distintos grupos familiares e, neles, as posições do papel do amor na permanência das uniões, na sociedade pós-moderna. Neste sentido, presume-se que o ensaio suscite questionamentos para debates futuros, tais como: em que aspectos seriam afetadas as múltiplas formas de famílias na sociedade brasileira? O amor aqueceria ainda as uniões na considerada pós-modernidade brasileira?

Palavras-chave: amor, conjugalidade, diversidade, família, pós-modernidade.

Resumen: este ensayo es una reflexión acerca del amor a la luz del que se entiende por diversidad y conyugalidad, en Brasil. Para eso, se centró en cuestiones que comprenden la problemática de la familia, concretamente sobre las relaciones entre las formas de los diferentes grupos familiares y, en ellos, las posiciones del papel del amor para mantener las uniones, en la sociedad post-moderna. En este sentido, se presume que el ensayo suscite cuestionamientos para debates futuros, tales como: ¿En qué aspectos serían afectadas las múltiples formas de familias en la sociedad brasileña? ¿El amor calentaría aún las uniones en la considerada post-modernidad brasileña?

Palabras claves: amor, conyugalidad, diversidad, familia, post-modernidad.

Abstract: this essay brings a reflection on love in the light of what is understood by diversity and conjugality in Brazil. Analyses focused on issues regarding family relationships, especially, the ones established between the different kinship groups and the role love has played in long-lasting unions in the post-modern society were carried out. It is assumed that the essay could potentially raise questions for future debates that include the following ones: How would the different kinds of families be affected in the Brazilian society? Would love still have a role in relationships in the Brazilian post-modernity?

Keywords: love, conjugality, family, diversity, post-modernity.

Maria Angela D’Incao estudou no curso de Ciências Sociais na USP e fez Pós-Doutoramento na Universidade de Oxford – Inglaterra. É professora na UNESP, Pesquisadora na área de Sociologia e consultora nos estudos de camponeses e família rural e urbana, com ênfase na região amazônica. Pesquisadora filiada ao GEPEM/UFPA. Desenvolve estudos comparativos de família, relações entre globalização no Brasil e relações internacionais. Além disso, é organizadora de diferentes eventos acadêmicos nacionais e internacionais. É autora de livros e editora. Entre seus livros, no período 2001-2010, destacam-se: *Mulher e Modernidade na Amazônia, tomo II* (org.); *Diversidade Biológica e Cultural da Amazônia* (org.); *O Brasil não é mais aquele... Mudanças sociais após a redemocratização*; *Uma Região, uma Cidade e sua Gente*; *A Amazônia e a Crise da Modernização* (org.); *Democracia, Crise e Reforma: estudos sobre a era FHC* (org.). **E-mail:** madincao@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A mulher que eu amo... É o ar que eu respiro e nela eu me inspiro pra falar de amor... E o chão que ela pisa se enche de flor... Tem a luz das estrelas... Se ela está sorrindo eu sorrio também... Tudo nela é verdade... E com ela eu acredito na felicidade... Roberto Carlos¹

O amor tem presença cada vez maior em nossa sociedade. Pensar nele... ouvir sobre ele entenece-nos e muitas vezes até nos recompõe. Sentimos falta e ambicionamos encontrá-lo como sempre sendo: o verdadeiro amor. Diz-se que ele compõe uma das características importantes de nossas vidas.

¹ Trechos da música *A Mulher que eu amo* no CD *Esse Cara sou eu* de Roberto Carlos.

² Não vamos produzir uma reflexão do sentido de conjugalidade. Assumimos que é a vida em comum que ocorre em qualquer formato de uniões familiares, com ou sem sexo por todo o período da união.

Refletir sobre o tema do amor à luz do que se entende o que é conjugalidade² e diversidade no Brasil é o objetivo central deste ensaio. Assim, trataremos, sob a prismática dos sentimentos – de compreender as formas dos distintos grupos familiares e a presença do amor na conservação das uniões.

Trata-se, evidentemente de uma tarefa ampla, porque cada um dos itens contidos na relação que o tema encerra é em si suficientemente complexo para uma análise ensaística. Assim, começamos admitindo que a família é uma instituição bastante focada na modernidade. Último reduto da antiga comunidade, ainda que tenha assumido novos contornos, recebe designações bastante favoráveis tais como: *locus* de amor e compreensão, célula *mater* da sociedade, entre outros. Especialmente no Brasil, com os programas de auxílio à pobreza, o foco na família necessitada tem sido constante e recorrente e, também, contribuidor da visibilidade das múltiplas formas de família no Brasil.

Como pano de fundo, mencionamos algumas inquietações: em que aspectos seriam afetadas as múltiplas formas de famílias na sociedade brasileira? O amor aqueceria ainda as uniões na considerada pós-modernidade brasileira? A análise dos sentimentos estaria restrita

unicamente à presença do amor nas relações conjugais ou outros sentimentos poderiam ser incluídos?

Assim, a *primeira parte* deste ensaio aborda a compreensão do que seja família no Brasil, pretendendo-se um esboço histórico e o delineamento de algumas questões que os estudos têm proposto no contexto da modernidade brasileira, em particular.

Na *segunda parte*, pretende-se uma análise da globalização em países como o Brasil e das relações entre a globalização e a transformação da compreensão dos diversos formatos da família. E na *terceira parte*, pretende-se estimular alguns pontos para reflexão e estudos futuros.

1. A Família e sua Compreensão no Brasil

Os estudos de família, depois dos estudos demográficos e históricos, feitos tanto na Europa quanto no Brasil, têm demonstrado que o passado da família em geral não permite visualizar uma uniformidade de origem e, nem mesmo, no tocante ao número de membros, um encolhimento visível na família contemporânea³. Os distintos grupos familiares guardam relações profundas com as circunstâncias históricas e culturais das quais vieram, tanto nos aspectos econômicos quanto nos simbólicos e religiosos ou míticos. Assim, o conjunto da simbologia relativa às relações afetivas entre seus membros, seus valores e ambições, presentes em todas as comunidades, ainda que as distingam em suas particularidades prevalece nos estudos da antropologia social e da sociologia dos sentimentos, quando estas estudam a persistência de certos valores considerados passados nas sociedades humanas em transformação.

Os estudos dos sentimentos modernos que moldaram a chamada família burguesa⁴ estimularam-nos a entender

³ Ver D'Incao, M. A. Sentimentos Modernos e Família no Brasil, tese mimeografada – Capítulo número 1 – Havia famílias pequenas e constituídas sem a figura paterna.

⁴ A família burguesa no Brasil desenvolveu-se no século XIX na esteira da necessidade de “civilizar” nossa sociedade de então. Esta tendência de fechamento da família sobre si mesma foi o início do que chamamos de processo de privatização dela, marcado pela valorização da intimidade familiar e... Ver - D'Incao, M. A. (1997). Ver também o lúcido artigo de Maria Rita Kehl (2003).

que, tanto nas sociedades europeias quanto no Brasil, o advento do amor como condição de escolha do parceiro para o casamento ou união agregou diferentes grupos de indivíduos quanto à origem – em geral em situações urbanas, mas não só a necessidade de buscarmos uniões por esse critério. É essa a condição essencial e a marca desses tempos que podemos entender que vão da modernidade à pós-modernidade.

Assim, na vida contemporânea constituída por indivíduos fora de seu *locus* de origem comunitária –, especialmente no Brasil, um país ainda de grande mobilidade social horizontal e vertical –, encontramos a busca do amor como condição das uniões que levarão ou não à formação de grupos familiares e como conquista importante na construção do ideário conjugal.

⁵ George Simmel, **Filosofia do Amor**, 2006, tradução da Editora Martins Fontes, SP. Compõe o livro: Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro (1892); Sobre a sociologia da família (1895); O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – fragmento de uma filosofia do dinheiro (1898); Cultura feminina (1902); Psicologia do coquetismo (1909); Fragmento sobre o amor (Escritos póstumos); Fragmentos e aforismos; Posfácio à memória de G. Simmel (G. Lukács, 1918).

⁶ Psicologia do coquetismo (1909).

⁷ Simmel em *A Metrópole e a Vida Mental*, em 1903, descrevia o homem vivendo em uma antítese ao que se viu na comunidade, o homem *blasé*. A precisão do capitalismo, a falta de tempo e a precisão em uma estrutura construída na impessoalidade levam a uma imprecisão das coisas e ao sentido da indiferença.

Para situar de modo mais universal, tomamos Georg Simmel, o qual observa e descreve o momento de transformação da sociedade europeia que culminou na modernidade. No conjunto de textos que compõe a tradução para o português de seu livro *Filosofia do amor*⁵, Simmel aponta o amor como egoísmo, condizente com o novo homem que ele vê surgir. O amor como algo transcendente à realidade vivida. Um sentimento, portanto, que vai além do sexo. Também trata do sentimento da sedução, referindo que o fato de se sentir atraente e atrair constitui um jogo⁶. Discorre sobre o bem e o mal que o amor pode trazer, desde a maravilha do início da relação amorosa até as dificuldades posteriores da convivência. Neste sentido, destaca algo importante sociologicamente: a realidade não combina com o dar-se em uma sociedade em que já a competição e certo anonimato eram condições da nova sociabilidade nos agrupamentos humanos que vivenciam a expansão do capitalismo. No estudo que Simmel⁷ faz sobre

a metrópole, evidencia um tipo social: o indivíduo *blasé* e superficial que circula pela metrópole, desatento aos demais. Trata-se do indivíduo que havia perdido suas relações com a comunidade e refaz sua vida na cidade grande, onde o dinheiro é o ponto de partida. A modernidade assim é percebida por Simmel como antítese do espírito da sociação, que é o estar junto, que é a ajuda mútua constante nos grupos anteriores, na comunidade. O individualismo aí impera⁸.

É o período em que ninguém pode esperar o outro, como seria na comunidade. Todos precisam se realizar rapidamente. A própria construção dos pequenos palácios prevalece ao grande castelo que demorava gerações e quem os iniciava não era quem inaugurava e usufruía. A compreensão da finitude da vida faz todos buscarem se apossar, na própria vida, de tudo o que construíram ou patrocinaram. Entre o que procuram está de modo especial o que poderia distinguir e enobrecer uma pessoa: o amor.

É neste contexto que o amor vai se tornando essencial e geral. Como algo, porém, transcendente, uma vez que a realidade é antagônica aos outros, ao coletivo e comunitário. Assim, em uma vida voltada para o indivíduo, sem laços comunitários, de familiares e parentesco, o amor promete o infinito.

Procurando a compreensão da modernidade, Niklas Luhmann, em seu texto *Amour comme passion*, originalmente publicado em 1982, apresenta o amor como uma relação de comunicação interpessoal e social. Ele não deve ser compreendido, ou mesmo tratado, como sentimento; é um código simbólico que informa sob que condições o sujeito irá amar outra pessoa. O autor revela que o amor passa a ser percebido como uma fonte de informações, e não mais como uma invenção mental. O que se pensa então sobre o amor? É que ele se constitui em um sentimento que existe antes mesmo de os sujeitos encontrarem um parceiro, pois há um código partilhado, que é construído anonimamente por todas as pessoas

⁸ Ver Francisco Cetrulo, Simmel: sociabilidade e sociedade moderna. In: **Espaço e Sociedade**, org. por M. A. D'Incao, Ed. Grupo, (2000) SP.

e é comum a todos. Para Luhmann, o amor “permite ao outro dar alguma coisa precisamente sendo tal como ela é” (LUHMANN, 1990, p. 40). E diz ainda que “Através da simbólica da diferenciação plena da *passion* e do acaso e da técnica de codificação da paradoxização, o mundo moderno não dispõe de qualquer princípio pelo qual foi possível prever a estabilidade quer do casamento quer das outras relações íntimas”.

Assim, essa situação, na qual a semântica do amor entra em conflito com as exigências de sentido duradouro para mundos pessoais, o romantismo reage por meio da intensificação excessiva. Podemos perguntar: Por que a separação dói? O amor vira “objeto em si mesmo”. A separação causa a perda do “objeto” que vem a ser a perda do amor. A perda é um demérito em uma sociedade em que ter e ganhar são valores.

Isso pode ser identificado na obra *Fragmentos de um discurso amoroso*, publicada originalmente em 1977 pelo filósofo, escritor e semiólogo francês Roland Barthes. O que revela essa obra? Que, por vezes, na *anulação*, característica de um dos fragmentos desse discurso amoroso, o amor vira “objeto em si mesmo”. O amor torna-se um fenômeno procurado pelos amantes que resulta em uma anulação pessoal quando acreditam que o encontram. Para Barthes existe, portanto, uma relação de dependência com o objeto amado. Os amantes sentem uma sensação de ausência de realidade quando amam. Como que flutuassem distantes da realidade, segundo falas de apaixonados relatadas para nós.

A epígrafe escolhida, neste ensaio, do poeta, músico e cantor, Roberto Carlos fala dessa ausência da realidade e... Os amantes vivem algo como o autoengano nas relações entre o amor e a realidade não vista. Enquanto apaixonados não conseguem enxergar nada a não ser o objeto de paixão de modo extremamente lúcido, belo, puro e, claro, real. Há quem diga que a paixão é algo que se assemelha à loucura ou doença: sentimos, ouvimos e vemos o que não existe.

Dada a grande proximidade dos amantes, o amor se dilui ao mesmo tempo em que a realidade emerge das, digamos assim, sombras devido

à cegueira e o casal enfrenta a separação. Triste e, às vezes, eternamente triste para algumas partes que continuam amando cegamente e sentindo o vazio do casal, do outro.

A realidade da sociedade altamente competitiva é que vai diluir esse discurso e essa imagem dos dois em um. Poderíamos exemplificar, hoje, como mostramos em um artigo⁹ é o embate da vida, do supermercado, das contas a pagar, dos filhos a educar ou a curar, dos velhos e doentes, que os dois em um se recompõem na origem dos dois indivíduos separados. A comunhão não persiste à realidade densa, visível, competitiva e concreta que é a vida real.

É senso comum dizer-se que a quantidade de divórcios existentes na sociedade brasileira reflete a importância que o amor confere às uniões conjugais. Não se compreende mais a permanência de uniões da qual haja a ausência do amor. A busca de relações com o outro e com o amor é marca deste século. Ao mesmo tempo, o é a busca da liberdade e a necessidade de se manter livre. Essas características evidenciam uma relação especial. Seria o que Zigmund Bauman, refletindo sobre as relações atuais em *“Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”* (2004), chama de relações humanas líquidas, na pós-modernidade. Trata-se de uma característica essencial da pós-modernidade: tudo se torna frágil, duvidoso, frouxo, livre e inseguro. Naquilo que diz respeito a essa obra, o autor ilumina as relações amorosas do século XXI e destaca que a frouxidão é a principal característica de tais relações. Bauman aponta a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos¹⁰.

⁹ O Amor e a Separação de M. A. D’Incao in: **Amor, casamento e Separação:** a falência de um mito, Ieda Porchat (org.), Ed. Brasiliense, 1992, SP.

¹⁰ A fragilidade dos vínculos humanos são misteriosos, conflitantes e inseguros na medida em que o homem contemporâneo está abandonado ao seu próprio aparelho de sentido, de modo que tal aparelho tem, ao mesmo tempo, grande facilidade de conceder e descartar sentido nas “relações amorosas”.

Diante da dúvida é que o outro e o eu se relacionam, toda relação oscila “entre sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro” (BAUMAN, p. 8). A copresença da satisfação e insatisfação da relação traz a dúvida: devemos escolher sabendo dos riscos do nosso investimento, todavia, os casais “estão sozinhos em seus

¹¹ Publicação do NEPO, n.º. 27. “Razão e Emoção na união conjugal”, S/D.

¹² Costa, nesse artigo, se ressentido de uma falta de definição na Sociologia de amor romântico. Entendo que essa carência não existe. Há uma disponibilidade grande, no Brasil e no exterior, de abordagens que tratam desse tema. Também a busca de uma definição pronta e justa pode sufocar as múltiplas faces do amor romântico.

solitários esforços para enfrentar a incerteza” (BAUMAN, p.10). O autor também pontua que a relação pode acabar da noite para o dia. Ao “eu te amo” pode suceder-se o “acabou”! “Neste contexto, as uniões ao mesmo tempo em que crescem em número, não persistem por toda vida”.

Poderíamos dizer que nos encontramos frente a um paradoxo. Contudo, como enfatiza Maria da Conceição Quinteiro¹¹ apoiada em Macfarlane (1990) referindo-se ao desenvolvimento da paixão sexual e do amor sob o capitalismo, a esfera da emoção e dos sentimentos, uma vez disciplinados, transformou-se em elemento dinâmico do sistema capitalista. Ambos se fundam na escolha individual, na posse, na propriedade e na livre iniciativa.

Nessa mesma direção das relações do amor com o mercado, Sérgio Costa (2005) observa agudamente que,

... Nas sociedades contemporâneas a economia está presente em diversas esferas do amor, oferecendo produtos culturais que marcam os ideais e sentimentos amorosos, além de contextos para a vivência dos rituais românticos. Nem mesmo em seus momentos pragmáticos o relacionamento se livra da presença do mercado, que com seus manuais, terapeutas e gestores de crises familiares ensinam os termos de uma convivência justa.

Essa abordagem compreende as relações entre o amor romântico e o mercado. Todavia o Autor¹² distingue que o que define a relação amorosa não é somente o consumo desses rituais românticos, mas “o

sentido singular que os amantes conferem à sua relação e às atividades conjuntas”. Uma posição que entende algo além do mercado. Diz ele: “Nesse sentido simbólico-expressivo, a obliteração das fronteiras entre mercado e interação amorosa significaria o fim do amor romântico¹³”. Entretanto entendemos que é difícil sustentar essa posição como uma lei geral para todos. Psicologicamente, sabe-se que cada caso é um caso.

2. Modernidade, Globalização e Diversidade Familiar no Brasil

A passagem para o mundo moderno, no caso do Brasil, já foi observada por intermédio da leitura e análise de romances urbanos¹⁴. E desse modo, , tanto a escolha pessoal no casamento quanto a oposição entre o homem e a comunidade é vista diante da ascensão da família burguesa, com a adoção de atitudes de privacidade e de domesticidade. O foco descritivo das novelas se dirige paulatina e intensamente para os interiores da casa, das mentes e das relações entre pais e filhos¹⁵.

Assistimos assim, nesse período, a um novo mundo familiar no contexto urbano civilizado brasileiro: o mundo burguês que não tem laços com a comunidade e nem com os diferentes. Neste mundo, a família constitui um mundo em si mesmo. É autossuficiente e toda a autoridade vem da cabeça do casal, o pai, o novo patriarca¹⁶ que apresenta doçura paternal e compreensão. Agora, nessa nova realidade que atinge também as relações entre a

¹³ Para uma análise histórica importante sobre o tema do amor romântico, sugere-se consultar Heilborn, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

¹⁴ D’Incao, M. Angela, *Sentimentos Modernos e Família*, Ed. Brasiliense, 1995.

¹⁵ Os romances posteriores a José de Alencar, especialmente os de Machado de Assis, vão tratar desses temas e do mundo íntimo das almas. Mário de Andrade, em *Amar, Verbo Intransitivo*, escrito em 1927, na cidade de São Paulo, trata não só da alienação da esposa, transformada em dona casa, uma espécie de bibelô, como da necessidade de encontrar alguém que ensinasse sexo ao herdeiro e que fosse tal o aprendizado que o jovem soubesse também, após as lições, a distinção entre sexo e amor.

¹⁶ Chamamos de *novo patriarca*, pois é o patriarca amenizado por sentimentos de amor e amizade aos filhos e mulher.

família e a sociedade, as pessoas precisam aprender sobre coisas comuns como sexo e amor.

Mais que isto: precisam aprender a ter o sentimento correto sobre essas relações amorosas. Aprender a diferença entre elas. As emoções comuns são controladas, civilizadas. Quando isto ocorre, a sensibilidade burguesa está instituída.

A pergunta que precisa ser feita há algum tempo é: no Brasil, essa sensibilidade burguesa abrange toda a sociedade?

Evidentemente, não. A variedade cultural dos arranjos e motivos familiares é múltipla. Vejamos: sabe-se que tipos de camponeses, como sitiantes, caboclos, caipiras, sertanejos etc., ainda mantêm o essencial de sua cultura. E o mantêm mesmo sofrendo modificações na sua superfície, chegando assim, a perspectiva de assimilar o novo, via reelaboração, não só pela sua lógica produtiva, mas também pela sua lógica simbólica e mítica, preservando inclusive rituais de iniciação, de passagem entre categorias de idade, que remontam traços da sua ancestralidade indígena muito longínqua em relação aos habitantes desta região, que foi uma das primeiras impactadas pelos portugueses.

Tomamos como exemplo o caso sobre os sitiantes sergipanos estudados pelos Woortmann (1991), na qual a presença da forte autoridade paterna estava assentada no repasse de conhecimentos tradicionais, transmitidos pelos mais velhos. Esta agricultura vem sofrendo uma modernização por influência da atuação do estado na extensão rural via EMATER. Mas o que foi verificado é que apesar da aquisição de novas técnicas, o seu complexo sistema simbólico integrado de representação está intacto, no qual os gêneros, a idade e a natureza se relacionam coerentemente, e cada qual tem o seu papel e significado, e que no todo as representações servem de princípio filosófico tanto para as técnicas de manejo já existentes quanto para a elaboração e aquisição de novas técnicas, que são integradas tanto na lógica do manejo antigo quanto no referido sistema simbólico.

Ao mesmo tempo, tradições antigas ainda são perpetuadas, tais como um ritual de iniciação dos meninos. Estes, quando já adquirem um domínio satisfatório das técnicas de manejo e da elaboração simbólica, são passados por um ritual de iniciação, em que são também iniciados na vida sexual. Nesta ocasião, se faz uma festa e prostitutas são contratadas para que, durante a festa, se portem como namoradas dos meninos e com eles se divirtam e dancem. Em certa altura da festa, os casais discretamente saem e vão até o roçado, ocorrendo aí o ato sexual. Este ato sempre se dá no roçado, de acordo com as elaborações simbólicas dos agricultores. A mulher deitada no roçado representa a terra e o pênis, durante a cópula, a maniva sendo enterrada. A terra, fecundada com a maniva, vai produzir a planta da mandioca. A mulher fecundada vai produzir um embrião na barriga até desenvolver-se em um filho completo que vai nascer, desligando-se da mãe, tal como a mandioca quando é colhida. Além disso, foram registrados, entre os agricultores, discursos diferentes, aparentemente contraditórios. Esta ambiguidade expõe uma forma de resistência (palavra ruim essa), de manutenção de sua identidade, da mesma maneira que a incorporação de novas técnicas dentro de seu sistema lógico e simbólico¹⁷.

A superposição da família como unidade reprodutiva e produtiva vai além de uma transmissão de conhecimento tradicional e de uma solidariedade entre gerações, transmissão de patrimônio e teias ou redes de solidariedade. Ela é a guardiã de toda uma cultura simbólica muito própria, e de mecanismos de regulação social que asseguram a continuidade¹⁸, como a

¹⁷ Ver Humberto Cotta Jor. 'Família, Gênero de Vida e Sociedade Complexa no Tempo e no Espaço, onde se apoia no texto dos Woortmann (1991), Mimeo, Pós Graduação em Sociologia, UNESP/Araraquara. 2005.

¹⁸ E o interessante é que esta organização se mantém apesar de crises econômicas crônicas de nosso país, de ser uma região desassistida, mais pobre e de viver em um ambiente natural relativamente rigoroso, e sujeita a um constante êxodo décadas a fio, além de ter se espalhado por todo o país numerosas escolas técnicas agrícolas, além do superior, e nem por isto a aprendizagem direta, o saber fazer perdeu o seu valor.

existência de classes de idade, formadas não na constituição de classes escolares, mas em um ritual de iniciação que confere ao iniciado a passagem entre categorias de idade e atribui a este um novo conjunto de direitos e obrigações, assim como um novo papel social. A partir desta passagem, o menino é considerado um adulto pleno.

Quadro semelhante ou equivalente ocorre por todo este imenso país, mas estes sítios de Sergipe mostram que nem sempre o isolamento geográfico é fator de manutenção cultural como foi o caso dos caipiras paulistas (CÂNDIDO, 1964).

Não se pode deixar de mencionar que há no campo dos estudos dos grupos humanos um quadro complexo e multiforme, com exemplos de diversos tipos de mudanças sociais e de caminhos possíveis e variados prognósticos e tendências, devido ao multivariado ambiente cultural e natural, povos e paisagens, e também políticas locais diferenciadas umas das outras, o que poderá gerar uma fonte inesgotável de diversificadas lições referentes aos estudos de família. Tudo isto é produto da interface entre a colonização ibérica e a presença de uma enorme diversidade de etnias. Da interface do barroquismo, produto da sociedade de fachada ibérica, com a antropofagia e poligamia (MARTINS, J. S., 1993). É esta complexidade que provoca a compreensão de que as famílias no Brasil não seguem uma evolução igual.

¹⁹ Conferir o artigo de Cláudia Fonseca, “Amor e Família: vacas sagradas da nossa época?” In: Ribeiro, I. & Ribeiro A. C. orgs. 1995.

²⁰ Berquó, Elza, Arranjos familiares no Brasil In, *História da vida privada no Brasil, Vol. 4. Cria das Letras, 1999.*

Daí a questão de que o modelo muitas vezes chamado de evolucionista não consegue explicar a variedade e a complexidade dos grupos familiares no Brasil (FONSECA, 1995).¹⁹ O fato é que também são muito diferenciadas as políticas locais, o que poderá gerar uma fonte inesgotável de diversificadas lições além de variados arranjos familiares, mesmo que discursos dos entrevistados se apresentem como “modernos” e amorosos.

Como sustenta Elza Berquó, na *História da vida privada no Brasil – o século XIX*²⁰, em primeiro lugar, na segunda metade do século XX a família

“hierárquica” organizada em torno do poder patriarcal, começou a ceder lugar a um modelo de família no qual o poder é distribuído de forma mais igualitária. Trata-se da família igualitária onde o homem e a mulher, mas também, aos poucos, os filhos, começam importar nas vontades e atitudes do grupo familiar.

Assim, se o poder foi, digamos assim, repartido, sem dúvida o papel da mulher sofreu transformações – a começar pelo ingresso no mercado de trabalho, com a consequente emancipação financeira que durante tantas décadas foram tão dependentes do homem, o “chefe da família”. Com isto, o número de separações e divórcios vem aumentando assim como a idade em que as mulheres vêm decidindo se casar – em proporção direta ao aumento dos índices de escolaridade feminina, diz Berquó. O número de relações conjugais “experimentais”, ou seja, não legalizadas, entre jovens, também vem crescendo²¹, em função não apenas da maior independência financeira das moças – que se veem em condições de arriscar um pouco mais nas escolhas amorosas – quanto em função da liberdade sexual conquistada há quase meio século pelas mulheres.

Com isso, o papel tradicional do tabu da virgindade, declina. Contribui nesta direção, a descoberta e a democratização das técnicas anticoncepcionais. Em contrapartida, hoje, o número de mulheres que se encontram sozinhas com filhos para criar vem aumentando, porque além da gravidez não programada entre as adolescentes, ter filhos sem a oficialização do matrimônio é comum, aceita socialmente na modernização brasileira e amparada por leis nacionais²².

²¹ Talvez fosse melhor dizer que esses arranjos não oficiais das uniões passaram a ter maior visibilidade e não simplesmente cresceram, uma vez que se sabe que o casamento civil tem uma história própria e não extensiva a todos no Brasil por diversos motivos, entre eles o econômico, que não cabem ser elucidados aqui.

²² Tanto o direito à propriedade para parceiros e filhos fora da união oficial quanto a legitimidade por exames de DNA refletem causas da visibilidade e aceitação de filhos fora da união oficial.

²³ Goldenberg aborda um ponto importante sobre a mulher e a conjugalidade no Brasil, em seu Home Page (<http://miriangoldenberg.com.br/>) “A brasileira se sente infeliz, onde ela compara a mulher alemã e a brasileira. Diz: O discurso dessas mulheres gira em torno de duas questões: o homem (ou a falta dele) e a decadência do corpo. O que é que essas mulheres me dizem? Primeiro, aparece um discurso que é muito típico da mulher brasileira: “Falta homem no mercado”, “os homens da minha idade não querem mulheres da minha idade, querem uma mulher muito mais jovem”, “quando um homem se separa, imediatamente ele se casa, enquanto, para a mulher, é muito mais difícil encontrar um parceiro que a respeite”. Esse é o discurso centrado no homem. Já o discurso feminino centrado na decadência do corpo traz muito fortemente percepções do tipo “meu corpo já não é mais o mesmo”, “eu me tornei invisível”, “eu não me acho mais uma mulher atraente”, “não sou considerada uma mulher desejável”. Esses dois discursos aparecem com muita força. É um discurso de vitimização. Eu chamo este fenômeno de “miséria subjetiva” porque, se você olhar para as conquistas da mulher que pratica esse discurso, verá que ela tem dinheiro, tem independência, ela está se realizando, está bem fisicamente. Mas ela não internaliza as conquistas objetivas como um poder... Já na Alemanha, eu encontrei a mulher poderosa - subjetivamente e objetivamente.

²⁴ D’INCAO, Maria Ângela, “Mulher e Modernidade na Amazônia” in *Mulher e Modernidade na Amazônia*, Ed. CEJUP, Belém, Pará, 1997.

Os estudos de relações de gênero²³ constituem importante fonte de compreensão nas diferenciações pelas quais a família tem passado. Os conteúdos de gênero nas relações familiares permitem compreender ao longo da história e das diversidades de contextos socioculturais, as transformações de homens e mulheres, das mentalidades e dos significados e dos desejos de realização do amor e da família. As especificidades dos papéis sociais distintas marcam a multiplicidade de transformações pelas quais passam os papéis masculinos e femininos, nos conteúdos das relações parentais e conjugais. Mais que isto, indica os processos de formação familiar, sua expansão, dissolução, recomposição, e permanência. E assim, a pluralidade de tipos de família.

Conforme referimos²⁴, a modernidade, na globalização, em países como o Brasil chega a algumas ilhas da sociedade. Este fato é importante quando se considera a instituição familiar. Tratamos de ideias, sentimentos e subjetividade quando tratamos da família. Em uma palavra, o que Marx chama de superestrutura. Todos querem se apropriar da modernidade sejam tradicionais, modernos, tribais ou comunitários, rurais ou urbanos. Entre os muitos meios de apropriação, está o estilo de vida que queremos ter e as implicações econômicas e sociais desse desejo.

Como a modernidade invade a nossa vida?

A construção do modelo da família nuclear dentro da economia capitalista e o desejo de educar adequadamente os filhos induzem ao desejo de rompimento com a grande família. Tanto os meios de comunicação cada vez mais disponíveis entre as diferentes classes ou camadas sociais quanto a informação em tempo real concorrem para a idealização do projeto familiar ideal.

Assim, as expectativas da população na sociedade moderna se dão em condições do tipo da modernidade pelo avesso, isto é, sem os aspectos positivos da modernidade²⁵. A apropriação da modernidade se faz também pelo ideário da apropriação das mercadorias que não param de se apresentar aos indivíduos. Com a permanência das condições expropriativas para as populações que não se apropriaram dos efeitos positivos da modernidade, a família e sua diversidade no cenário do país ainda que possa ter como ideário a família pequena e burguesa (no sentido histórico) se organiza dentro das possibilidades de seus grupos de origem e das diferentes organizações culturais que esses grupos apresentam.

Pode-se enumerar os tipos de família no Brasil como segue: família tradicional; família nuclear com poucos laços com a parentela; família regida por mulheres; família regida por homens; família de irmãos e eventualmente com sobrinhos; família da rua; família ideal dos sonhos e a constante busca; família single; a família homossexual e lésbica²⁶ – com a reivindicação da procura de adoção de crianças –; a família do asilo de crianças e seu ideal; a família mantida pela avó, entre outras.

Nesta sociedade os papéis familiares se modificarão profundamente. Estão presentes pais sem a complementação burguesa ou tradicional; o desejo de autorrealização dos diferentes sexos e a presença do envolvimento de todos na tarefa do cotidiano familiar.

²⁵ D'INCAO, M. A. opus cit. 1997.

²⁶ Ver especialmente: Amaral-Gonçalves, T. (2011) **Falando de amor – discursos sobre o amor e as práticas amorosas na contemporaneidade**, mimeografado, Tese de doutorado, UFPA, Belém. Mello, L. (2005) *Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil*. Cadernos Pagu (24), janeiro-junho de 2005, pp.197-225.

Os estudos sobre o passado da mulher no Brasil revelam que ela tinha algum poder na sociedade tradicional, como já anotamos algum tempo atrás²⁷. O poder que ela vai assumir na modernidade é sempre por meio do trabalho e da realização econômica, mesmo com a jornada dupla ou tripla de trabalho.

Assim, pode-se compreender que a constituição da primeira modernidade nas relações familiares foi o aprisionamento da mulher no lar com a realização do ideário da família burguesa, na qual a mulher é a dona de casa que supervisiona o andamento dos trabalhos de casa assim como a recepcionista das seletas visitas, já distantes do povo²⁸. Há a tendência ao fechamento da família sobre si mesma foi o início do que D’Incao²⁹ chama de processo de privatização da família, marcado pela valorização da intimidade.

A constituição da segunda modernidade, na globalização, está sendo a libertação desse lar aprisionante e a reformulação de seu papel de mulher, pessoa feminina dentro da sociedade capitalista.

Que família se tem, então, no Brasil?

Todas essas que viemos falando ao mesmo tempo e dentro de um mesmo território.

As políticas sociais precisam se dar conta da natureza de qual família ela vai se referir. Em todas as instâncias de grupos sociais familiares, as transformações não seguirão necessariamente a evolução de muitos grupos até o apagar deste século. Este é o preço ou papel da modernidade neste país: trazer rapidamente ao convívio social os valores de grupos sociais de outras circunstâncias sociais.

²⁷ D’INCAO, M. A. (1996), *Sentimentos Modernos*, Brasiliense.

²⁸ Naquele período, o desenvolvimento das cidades e da vida burguesa influenciou também na arquitetura das residências, procurando tornar o convívio familiar mais íntimo, mais aconchegante, o que significa: mais separado do tumulto das ruas e do burburinho da gente do povo.

²⁹ D’INCAO, M. A., 1997 “A Mulher Burguesa” in *História das Mulheres no Brasil*, Mary Del Priore (org.), ed. Contexto, SP.

A evolução do capitalismo brasileiro para a fase chamada de neoliberalismo criaria situações de transformações para o grupo familiar? Com toda a certeza, os cuidados sociais, que vão desde a Bolsa Escola, Família; Bolsa alimentação (para mulheres grávidas ou em estado de amamentação); auxílios de diversas ordens, em especial o PETI (programa de erradicação do trabalho infantil nos Estados e municípios); Renda cidadã; até ao Cheque do cidadão, levariam a uma circunstância econômica menos apertada para os grupos que propiciam a posse de mercadorias produzidas pela modernidade produtiva. Evidentemente não só a escola, mas os meios de comunicação acessível a parcelas maiores da população, além da escola e dos valores desses meios, acabam por fazer parte, com algum tempo, das mentalidades que compõem esses diversos grupos familiares, contribuindo para a constituição do ideário da família conjugal seja ela que formato tenha.

A contribuição das análises feitas na área de Psicologia é importante para a percepção analítica das diversas manifestações sentimentais e emocionais no que se refere às mentalidades e sentimentos em transformação. Também contribuem para a abordagem interdisciplinar necessária para temas que envolvem variadas questões.

Maria Rita Kehl no artigo *Em defesa da família tentacular* menciona que a satisfação sexual está entre os requisitos da escolha do cônjuge. Assim, a independência sexual das mulheres e a possibilidade de separar a vida sexual da procriação – o que Elisabeth Roudinesco³⁰ chama de “poder de atentar contra o caráter sagrado do sêmen masculino”, fizeram com que alguns conservadores atribuíssem ao novo “poder das mães” a responsabilidade pela dissolução da família e dos costumes.

O fato é que com a possibilidade de as mulheres controlarem o número da prole e de, assim como os homens, poderem também procriar filhos de diversos leitos e fazê-los coabitarem em famílias ditas ‘coparentais’, ‘recompostas’, ‘biparentais’, (...) ³¹, elas ganharam poder.

³⁰ Citado por Maria Rita Kehl E. Roudinesco, cit., p. 155.

³¹ Opus cit. 2003.

A partir desse momento, os laços conjugais já não escondem mais a base erótica – portanto, instável – de sua sustentação. Os filhos deixaram de ser a finalidade, ou a consequência inevitável, dos encontros eróticos, diz Kehl.

As separações e as novas uniões efetuadas ao longo da vida dos adultos foram formando, aos poucos, um novo tipo de família que vou chamar de família tentacular, diferente da família extensa pré-moderna e da família nuclear que aos poucos vai perdendo a hegemonia.

Na família tentacular, irmãos não consanguíneos convivem com “padrastos” ou “madrastas”, “tios” ou “tias”, de uniões de um de seus pais. Adicionam também os vínculos com pessoas que não fazem parte do núcleo original de suas vidas. Todo esse grupo é relacional e relativo a um tipo novo, digamos assim, de parentesco.

Também em “Conjugualidades contemporâneas: um estudo sobre múltiplos arranjos conjugais na atualidade”³²

³² De Vanessa Dinis da Silva e Poliana Figueira Rodrigues (2010), In Departamento de Psicologia, PUC/Rio. (puc-rio.br/pibic/relatorio.../resumos_ctch_psicologia)

indicam a presença, no consultório, de arranjos conjugais tipo: poliamor, recasamento, casamento em casas separadas, namoro, “ficar”, noivado, casamento civil, união estável/coabitação. Os sujeitos do arranjo “ficar” onde os

mesmos ressaltaram as vantagens e desvantagens deste tipo de relação; no arranjo “poliamor” foi possível observar a ênfase na exigência de acordos entre os parceiros da relação. Tais acordos vão desde o número de parceiros sexuais que cada membro poderá ter, passando pelas concepções de fidelidade e de projetos futuros. Contudo, dizem as autoras, há discursos contraditórios e conflitantes. Concluem elas que ainda hoje, há jovens que preferem as formas ditas tradicionais de relacionamento.

Importante ainda anotar o que Kehl revela no artigo já citado: Uma das queixas que os psicanalistas mais escutam em seus consultórios é esta: “eu queria tanto ter uma família normal...!”. “Adolescentes, filhos de pais separados ressentem-se da ausência do pai (ou da mãe) no lar.

Mulheres sozinhas queixam-se de que não conseguiram constituir famílias, e mulheres separadas acusam-se de não ter sido capazes de conservar as suas. Homens divorciados perseguem uma segunda chance de formar uma família. Mães solteiras morrem de culpa porque não deram aos filhos uma ‘verdadeira família’”, menciona Kehl. E os jovens solteiros depositam grandes esperanças na possibilidade de constituir famílias diferentes – isto é, melhores – daquelas de aonde vieram³³.

Assim, podemos afirmar que, no devir, esses valores serão buscados, pelo menos nos desejos e sentimentos dos novos formadores de famílias. As circunstâncias reais, contudo, terão sua cor e conformação nessas histórias individuais.

Do mesmo modo, o fato de saber de onde as famílias do presente vieram significa, acima de tudo, reconhecer que os grupos familiares do passado e de hoje são múltiplos e tributários a um conjunto particular de circunstâncias – em que cada caso tem sua explicação e são elas que podem oferecer ao pesquisador, elementos de compreensão sobre o tema. Desse modo, o que se pode dizer é que o modelo de família do passado e também o modelo almejado hoje, se constituem em uma idealização não só das pessoas, como dos governos³⁴, mas, também, de muitos pesquisadores da área de família.

Para chegar ao final desta parte, acreditamos que somente construindo a história dos grupos sociais familiares será possível saber das tendências jogadas ao futuro em que os modelos servirão para orientação da busca de relações que possam levar ao modelo idealizado.

³³ Opus cit. 2003.

³⁴ Como diz Kehl, para um discurso institucional que responsabiliza a dissolução da família pelo quadro de degradação social em que vivemos. Os enunciadores desses discursos podem ser juristas, pedagogos, religiosos, psicólogos. A imprensa é seu veículo privilegiado: a cada ano, muitas vezes por ano, jornais e revistas entrevistam “profissionais da área” para enfatizar a relação entre a dissolução da família tal como a conhecíamos até a primeira metade do século XX e a delinquência juvenil, a violência, as drogas, a desorientação dos jovens, etc. Como se acreditasse que a família é o núcleo de transmissão de poder que pode e deve arcar, sozinha, com todo o edifício da moralidade e da ordem nacionais.

3. O Amor ainda nos Aquece? À guisa de Conclusões.

Em que aspectos, hoje, a família é afetada na sociedade brasileira? O amor aquece ainda as uniões na considerada pós-modernidade brasileira? A análise dos sentimentos está restrita unicamente à presença do amor nas relações conjugais ou outros sentimentos poderiam ser incluídos? Essas duas questões nos orientaram nessa reflexão que agora precisa ser encerrada.

Nessa sociedade capitalista, altamente competitiva, violenta para alguns, de relações importantes mantidas por uma rede computacional, a imprevisibilidade das relações, a traição amorosa³⁵, entre outras, os relacionamentos práticos e oportunos, o cartão de crédito como forma de antecipação da satisfação, a subordinação do amante e a opressão do amado, os sentimentos amorosos, mesmo que idealizados, aparecem como um bálsamo para as opressões da competitividade.

³⁵ Segundo Mirian Goldenberg: A Folha de São Paulo, analisando os dados do IBGE de 1996, mostrou que 71% dos pedidos de separação feitos por mulheres foram motivados por traição masculina. A infidelidade é tão recorrente no Brasil que movimenta um mercado próprio. Na Internet, um site chamado *Álibi* presta um serviço para arrumar, justamente, *álisis*. Eles enviam convites para eventos, fazem reservas em hotéis e prestam assistência telefônica. Assim, se uma esposa quiser entrar em contato com seu marido, uma recepcionista atenderá de maneira a garantir que ela acredite que ele está ocupado trabalhando ou em algum evento importantíssimo.

O que todos querem é encontrar o amor que poderá transformar e expugnar a alteridade que os separa daqueles a que amam. Ter que separar-se do ser amado é o maior medo do amante, e muitos fariam qualquer coisa para se livrarem de uma vez por todas do espectro da despedida, diz Bauman (2004).

“Que melhor maneira de atingir este objetivo do que transformar o amado numa parte inseparável do amante? Aonde eu for você também vai; o que eu faço você também faz; o que eu aceito você também aceita; o que me ofende também ofende você. Se você não é nem pode ser meu gêmeo siamês, seja o meu clone!” (BAUMAN, 2004, p. 29).

Conforme vimos, Bauman pontua que as uniões nessa sociedade podem acabar da noite para o dia. E, então, “as uniões ao mesmo tempo em que crescem em número, não persistem por toda uma vida. O não persistir uma união deriva como vimos, da emergência de que destruir a alteridade, formando o dois em um, traz, dada a fragilidade da união, a visão da realidade individualista, competitiva”.

O amor está presente na cultura globalizada ainda que como diga Oltromari (2009), com diferentes faces e interpretações para ainda permanecer no centro dos interesses e buscas do ser humano. Ele não perdeu sua força. Hoje, é mais importante do que era em tempos atrás. A procura das emoções da paixão com a segurança que o amor traz por meio da confiança, ainda aquece os corações na sociedade atual. Talvez seja esta dupla função incorporada pelo amor no mundo contemporâneo o que tem trazido descontentamento e ao mesmo tempo sua busca incessante.

Poderíamos assumir que boa parte das mentalidades do período, poderia simbolizar a marca da época, a razão de ser da persistência e do engano que esconde a realidade. O lado do escuro da sociedade seria coberto por esse sentimento de que o amor é possível. Isso dá o brilho e a chama que nos indica que caminhar é possível. Mas, muitos vão descobrir que é uma caminhada somente de um trecho.

A análise dos sentimentos modernos, nos estudos de família, favorece a compreensão de que por sentimentos não se deve somente pensar no amor, também o desamor ou a indiferença entram na análise.

Sentimento, como a própria palavra diz, é aquilo que sentimos. Assim, é sentimento tudo o que, como o amor, sentimos e nos organizamos para atingir ou fugir desse sentimento, ainda que idealmente. Para os camponeses dos Woortmann, por exemplo, com suas tradições, ao amor sexual não poderá faltar, pelo menos na imaginação, a figura da maniva e do roçado. Caso migrem para a região urbana, essa imagem deverá acompanhá-los em sua errância.

³⁶ Hoje as defensoras mais sofisticadas da virgindade pré-marital assumem-se como feministas, precisamente para não serem vistas como prisioneiras de tradições arcaicas e repressivas... Não sei se tantas conversões de mulheres europeias e americanas ao Islã em anos recentes não se deva, em parte, a essa corrente de sentimento, de fugir a esse ambiente de sexualização compulsiva. Enfim, há variadas tendências e contra-tendências neste domínio... (...) Um romance sobre o assunto vendeu mil exemplares por dia. Deve haver um público sedento para este tema ou esta atitude perante o mundo. Depoimento pessoal de Hermínio Martins.

³⁷ (AVEN) – L'Assexual Visibility and Education Network (Visibilidade Assexual e Rede de Educação), fundada em 2001 pelo americano David Jay, reivindique que já existe 70mil membros em todo o mundo.

³⁸ Do Jornal Le Monde | 26.04.2013 à 20h10

³⁹ FONSECA, Cláudia, opus cit. 1995. A Autora, ainda que não trate desse tema, menciona casos de senhoras na França que não haviam se casado por motivo de ordem familiar e sentiam-se orgulhosas por isso.

Portanto, se tomamos a paixão sexual como uma meta nas relações de conjugalidade, em que incluiríamos os que entendem que está na assexualidade a verdadeira razão de ser do ser livre³⁶ e, assim, da livre escolha?

A sociedade de “*asexuals*” representa 1% da população no mundo³⁷ e reivindicam o direito de sair da sombra, uma vez que entendem que a sociedade apresenta o sexo como uma obrigação. E lamentam que há quem defenda que a falta da via erótica seja considerada como uma espécie de tara³⁸.

Poderíamos assumir que boa parte das pessoas que vivem relações conjugais longas e que conhecem a dinâmica do longo tempo sem sexo, poderia ser incluída nesses casos? Há muitos casais dentro de uma relação conjugal de longa duração – sabemos por depoimento de psiquiatras – que ficam longos anos sem sexo, dentro do casamento estável e que esse fato, algumas vezes, pode vir a ser um ‘problema’ para levar ao consultório.

Em minhas leituras e pesquisas sobre amor e conjugalidade – observei que muitas pessoas não colocam o casamento (com sexo) em suas prioridades, mas sim, o manter as regras familiares³⁹ de honra, por exemplo, mas não só, e se sentem orgulhosas devido a isso. Com a sensação do “dever cumprido” – Até se não se casam, não lamentam, pois o que valorizam é a manutenção dos deveres da família. Poderíamos entender esse comportamento dentro de uma análise dos sentimentos.

Desse modo, a análise dos sentimentos tem serventia para análises que não focam somente o amor romântico, moderno, como alguns autores assim entendem.. Do mesmo modo, cometem o engano de pensar que a análise dos sentimentos que privilegia o amor romântico na caracterização

das famílias burguesas, não encerra como algumas vezes assumem que as famílias do passado não tinham amor. O amor como se sabe sempre existiu, o que torna peculiar na situação da família burguesa e na pós-modernidade é o fato de o amor se tornar o centro dos relacionamentos conjugais e, neste sentido, a razão de ser deles é a busca desse sentimento para a união.

Um aspecto final que gostaríamos de pelo menos tocar, para encerrar, diz respeito à presença, cada vez maior, de uma sexualidade presente no aqui e agora e também com novos recursos. Ou seja, a presença da masturbação também entre as mulheres. Como sabemos, também no Brasil há um crescente uso de tecnologia e parafernália relativa à masturbação. Não seria sem sentido afirmar que muitas mulheres e homens sentem-se livres da necessidade de ter um parceiro para o prazer sexual. Este aspecto da sexualidade certamente traz entendimento para a presença cada vez maior de *singles* na sociedade contemporânea. O declínio dos casamentos, em grupos de jovens já resolvidos economicamente, pode ser indício dessa nova tendência.

Acrescentam-se o que Hermínio Martins aponta⁴⁰: 1) a procura cada vez maior de *sex toys* da parte de mulheres e homens, não só para substituir o sexo normal (eg, vaginas artificiais), mas também para acompanhar o sexo genital normal, uma espécie de mecanização do sexo; 2) o sexo *online*, aliás, de variadíssimos tipos, não só *dating*⁴¹, nudez, pornografia,

⁴⁰ Martins, H. (2013) depoimento pessoal. **Hermínio Martins** é Professor e *Emeritus Fellow da University of Oxford* e Doutor *Honoris Causa* pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS), dividindo sua vida entre os dois países. Pesquisador na área de sociologia teórica e filosofia e sociologia da tecnologia e, também, professor de sociologia em Portugal e no Brasil. Autor de muitos artigos e entre seus livros destaca-se *Experimentum Humanum*, editado em Portugal e no Brasil. E. mail herminio.martins@virgin.net

⁴¹ *Online dating*: - Diz Martins, - Os sites de *online dating* variam imenso, para todos os gostos e para todas as idades, honestos e mercenários, de todos os tipos. Possivelmente vai haver ainda mais variedade nos próximos anos. Mas enquanto o contacto *face-to-face* contar, será uma limitação importante. Com a “teleportação” dos corpos, sei lá, no século XXII, então seria outra coisa... Mas os sites não são só para relacionamento: muita gente os frequenta não porque procuram alguém, mas simplesmente para se sentirem menos sós... “Les solitudes interactives”... E servem mais para desentendimentos que para outra coisa... Em parte uma extensão da “pornocracia” (uma expressão já de Proudhon no século XIX!).

Vi numa revista americana um artigo de uma feminista dizendo que de fato são as mulheres que os controlam, os pobres dos homens esforçam-se imenso escrevendo mensagens elegantes, muito cuidadosas, poéticas, encantadoras, praticamente sem resultados proporcionais... há demasiada escolha para as mulheres, para brincar ou a sério. O que seria de esperar do mundo *offline* talvez. Alguns sites são de compra pouco disfarçada... Há de tudo. Um ramo importante do *e-comércio*... Quem de fato os aproveita mais são – ou pelo menos, foram – as minorias sexuais, outrora com receios, escondidas, que assim puderam conhecer outras pessoas com a mesma orientação ou pelo menos sem saber o que eram ou queriam ser. Imensa propaganda para converter os indecisos a se juntaram a essas minorias... Verdadeiros missionários das heterodoxias sexuais...

Outro tema seria a intimidade on-line, a epistolografia on-line da busca de parceiros (as), ou pelo menos de correspondência mais ou menos amorosa.

⁴² Sobre cibersexualidade e assuntos afins, ver o artigo de Martins, H. "Empresas, mercado, tecnologia - uma perspectiva biográfica" na Revista NADA nº 16, 2012, p. 14-37.

⁴³ *Sexting*: uma variante de *texting*: SMS, mensagens de texto com conteúdo sexual ou erótico de uma forma ou de outra. Como os jovens pelo menos na Inglaterra e nos EUA enviam muitas mensagens de texto a toda hora, e muitas delas com referências sexuais explícitas ou indiretamente, inventou-se essa palavra, para dizer que quando enviam SMS, ou *texting*, estão de fato a enviar *sexting*.

⁴⁴ Cf: BBC News Uk, 15 May 2013: There is a "crisis of masculinity in Britain" because of the pressures rapid economic and social change have placed on masculine identity, shadow health minister Diane Abbott is to claim.

⁴⁵ MARTINS, H. Léxico. In: Progress: termos das ciências sociais e humanas em línguas estrangeiras. Ainda não publicado.

⁴⁶ MARTINS, H. opus. cit cita **Saitō Tamaki** *Hikikomori: adolescence without end*. Univ. Minnesota Press, 2013.

⁴⁷ Na França, de acordo com H. Martins, os casos são designados como de "retrait social". Há casos em outros países europeus (Espanha, Itália) assim como a Coreia do Sul. No Brasil, deverá existir também.

mas também orgasmos por via online ou pela internet, com ou sem *webcams*, digamos a "cibersexualidade"⁴², o que acompanha certas tendências para viver cada vez mais *off-line* (o caso extremo são os jovens japoneses que se fecham nos seus quartos meses e anos, vivendo praticamente só online, e não só japoneses, há centenas de casos semelhantes em França); 3- a prevalência do *sexting*⁴³, da troca de fotos de nus, a perda de privacidade diante do mundo online, na adolescência, com consequências talvez para a formação de sentimentos (sem falar dos enganos e da falsificação de tudo a que muita gente se habitua); a pornificação (o termo usado por muitas feministas) mesmo do que aparentemente não é claramente pornográfico, o que afeta, indiretamente ou subtilmente, as mentes e atitudes de rapazes e moças⁴⁴.

A questão dos *singles* na sociedade contemporânea é uma área cada vez mais importante de estudo. Do mesmo modo, a dificuldade crescente da sociabilidade real entre jovens, mas não só. O *Léxico-in-Progress* de Termos de Ciências Sociais e Humanas⁴⁵ contém o tópico de um fenômeno emergente, ou como já chamam os psiquiatras, de 'epidemia' o *hikikomori*⁴⁶, na sociedade japonesa⁴⁷: trata-se da preferência de muitos jovens, no Japão, de viverem em casa como reclusos sem nenhuma vontade de se comunicarem com o mundo exterior, não somente devido aos jogos e internet. Esses fenômenos estão a clamar por atenção e compreensão dos estudiosos também na sociedade contemporânea brasileira.

Encerra-se esta reflexão pretendida em focar as relações amorosas na diversificada conjugalidade presenciada no Brasil à luz da importância que o amor e a análise dos sentimentos podem oferecer ao pesquisador. Procurou-se buscar relações entre as várias ideias de autores de se debruçaram sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- AMARAL-GONÇALVES, T. *Falando de amor – discursos sobre o amor e as práticas amorosas na contemporaneidade*, mimeografado, Tese de doutorado, UFPA, Belém, 2011.
- BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*. (M. V. M. de Aguiar, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Z. (2006) *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, (Trad. Carlos Alberto Medeiros) Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2006.
- BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil. In: *História da vida provada no Brasil*, Vol. 4. Cia das Letras, 1999.
- CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*, São Paulo: Ed. Duas cidades, 1964.
- CETRULO, F. *Simmel: sociabilidade e sociedade moderna*. In Espaço e Sociedade, org. por M. A. D’Incao, São Paulo: Ed. Grupo, 2000.
- COSTA, S. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos*. – Cebrap, n.73. São Paulo. Nov. 2005.
- COTTA JR, H. *Família, gênero de vida e sociedade complexa no tempo e no espaço*, Pós Graduação em Sociologia. Araraquara: UNESP, 2005 (mimeo)
- D’INCAO, M. A. *Níveis de sociabilidade*, Anpocs, 1987(mimeo).
- D’INCAO, M. A. A casa, a família e modos de vida. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Marília, SP: UNESP, 1992.
- D’INCAO, M. A. *Sentimentos modernos: a família na literatura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996
- D’INCAO, M. A. *A Mulher burguesa*. In: Mary Del Priore (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997a
- D’INCAO, M. A. ; ÁLVARES, Maria Luzia; SANTOS, Eunice Ferreira dos (orgs). *Mulher e modernidade na Amazônia*. Belém/PA: Ed. CEJUP, Belém/Pará, 1997.
- D’INCAO, M. A. O Amor e a Separação. In: PORCHAT, Ieda (org.). *Amor, casamento e separação: a falência de um mito*. São Paulo: Ed. Brasiliense, SP, 2009.
- FONSECA, C. Amor e Família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, I. & RIBEIRO A. C. orgs, *Família em processos*

contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades* (M. Lopes, Trad.). São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, M. *Ciúme & traição: algumas reflexões antropológicas*. (<http://miriangoldenberg.com.br/>).

GOLDENBERG, M. (S/D) *A brasileira se sente infeliz, home Page* (<http://miriangoldenberg.com.br/>): 14/05/2013.

KEHL, M. R. *Em defesa da família tentacular*. artigos e ensaios, 2003.

HEILBORN, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LUHMANN, N. *O amor como paixão*. Lisboa: Difel, 1991.

MACFARLANE, A. *História do casamento e do amor*. (Tradução de P. Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MARTINS, J. S. (1993) *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS, H. Empresas, mercado, tecnologia - uma perspectiva biográfica. *Revista NADA*, n. 16, 2012, pp. 14-37. Versão em inglês ampliada, de 2013, esta online no site da revista.

MARTINS, H. *Léxico-in-Progress: termos das ciências sociais e humanas* (ainda não publicado).

MELLO, L.(2005) Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho, p.197-225, 2005.

OLTRAMARI, L. C.(2009) Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, nº 4, p. 669-677, out./dez., 2009.

ROUGEMONT, D. *História do amor no ocidente*. (P. Brandi, E. B. Cachapuz, Trad.). São Paulo: Ediouro, 2003.

SILVA, V. D. da & RODRIGUES, P. F. In: Departamento de Psicologia. PUC/Rio. (puc-rio.br/pibic/relatório.../resumos_ctch_psicologia), 2010.

SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Original publicado em 1909)

WOORTMANN, E. F. & WOORTMANN, K. *O Trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília (DF) Ed. da UnB, 1991.